

**TEOLOGIA E MÉTODO**

*Um olhar retrospectivo sobre a teologia do século XX (cf. Gibellini, R. Panorama da teologia no século XX. São Paulo: Loyola, 2002) revela não só sua vitalidade, mas também sua diversidade, determinada em grande parte pelos procedimentos metodológicos utilizados. Os teólogos oriundos das grandes confissões cristãs repensaram os conteúdos do cristianismo a partir das questões levantadas pela modernidade, tornando-os compreensíveis e significativos para seus contemporâneos. No seio da teologia católica, este processo começou com a crise modernista (1907) que, durante décadas, retardou o diálogo entre o catolicismo e a modernidade, ao dificultar a acolhida da contribuição conceitual e metodológica das ciências e da filosofia modernas. A volta às fontes – patrística e escolástica –, a assunção progressiva da exegese histórico-crítica, a acolhida de certas correntes da filosofia moderna e o engajamento nos movimentos bíblico, litúrgico e ecumênico prepararam, porém, o pensar católico para a grande criatividade do pré e do pós-Concílio Vaticano II.*

*Novos caminhos foram, então, trilhados para dar conta das “alegrias e esperanças”, “tristezas e angústias” dos homens e mulheres de nossa época (Gaudium et Spes, 1). O tomismo, plasmado pela neo-escolástica, deixou de ser o recurso teórico e metodológico privilegiado pela fé em vista de “dar razões de sua esperança” (1Pd 3,15). Pensamentos de tipo transcendental, existencial e dialético, com análises e instrumentais próprios das ciências humanas (psicologia, sociologia, economia etc.), fecundaram a reflexão, cuja principal fonte voltou a ser a Bíblia, não mais a Tradição ou o Magistério. Não mais “ancilla theologiae”, a intervir antes ou depois do pensar teológico, a filosofia e as ciências humanas entram na dinâmica mesma da inteligência da fé. Esta redescobriu seu caráter*

*mistagógico e espiritual, e readquiriu maior relevância social, abrindo-se para a complexidade dos problemas humanos e para a pluralidade dos contextos.*

*Outro olhar, voltado para a atualidade do fazer teológico, e não para o passado, detectará igualmente muita vitalidade e diversidade na teologia, devidas também, em grande parte, aos procedimentos teóricos e metodológicos que passou a utilizar. Este olhar constata novas mudanças e novos desafios no seio da sociedade e da Igreja. É lugar-comum falar de um novo paradigma cognoscitivo, existencial e civilizacional, caracterizado como pós ou hiper-moderno, determinado por questões diferentes das que deram origem à modernidade. Um “pensamento fraco ou débil” (Vattimo), crítico do antropocentrismo moderno, adepto da religiosidade cósmica e preocupado com problemas ecológicos, vai se afirmando e construindo. Até que ponto os caminhos trilhados pela teologia levam em conta a emergência deste novo paradigma? Os métodos utilizados são adaptados para o diálogo característico da modernidade?*

*Os pós-modernos dão, em parte, continuidade à crítica dos “filósofos da suspeita” (Marx, Freud e Nietzsche) à onipotência da razão ilustrada, priorizando não tanto o que é objeto de explicação (ciências exatas ou naturais), mas o que demanda compreensão (ciências humanas) e interpretação (ciências hermenêuticas). Esta tríplice divisão do saber, proposta por Ricoeur para falar do método em filosofia (cf. Encyclopédie Universalis), pode ajudar a teologia a repensar os recursos metodológicos utilizados para realizar sua missão.*

*Talvez, para além do imaginável, tais recursos tenham obedecido à lógica e às normas da razão empírico-dedutiva, tão criticada pelo pensar pós-moderno. Alguns procedimentos da exegese histórico-crítica, por exemplo, se inspiram mais nos cânones da explicação do que nos da compreensão e interpretação. Certos passos das ciências humanas, adotados pelas teologias em buscar de responder a questões de ordem psicológica, social, política, de gênero ou de etnia, vão na mesma direção. Qual a lógica subjacente a tais passos? Não são também solidários da tentação de tudo explicar, própria do logocentrismo moderno ou ocidental? Até que ponto tais ciências exploraram seu objeto específico, ou seja, o não passível de total revelação e apreensão pelo conceito, antes exigindo interpretação, pois nunca é inteiramente disponível à explicação e à compreensão?*

*A teologia não pode retornar à idade pré-crítica da razão, renunciando aos resultados da exegese científica ou às análises das ciências humanas. Precisa, porém, redescobrir e assumir seu caráter hermenêutico, sem diminuir em nada o rigor do discurso, pelo contrário, permitindo-lhe dizer os múltiplos sentidos do objeto de sua compreensão e interpretação, muitas vezes esquecido ou desvalorizado pelos métodos outrora utilizados e privilegiados.*

*A repercussão dos métodos empírico-dedutivos na teologia é também perceptível na maneira como se relaciona com as ciências da religião. O despertar da religiosidade nas sociedades onde o sagrado e a fé pareciam condenados a desaparecer, pois eram tidos como “neurose”, “ópio” ou “arcaísmo”, e a recomposição do tecido religioso nas sociedades não secularizadas, estão na origem da importância dada, na atualidade, a essas ciências. Os métodos utilizados e o objeto estudado enriquecem certamente a teologia. Esta, no entanto, não é identificável com nenhuma delas, pois seu ponto de partida não provém das análises da sociologia, da psicologia ou da antropologia religiosa, mas brota da fé em busca de compreensão e interpretação. O reconhecimento oficial da teologia no Brasil pode levá-la a assumir tais métodos. Em princípio, pode não ser negativo, pois acrescenta a seu discurso aspectos nem sempre levados em conta. Isso, porém, não a exime de estar vigilante para assegurar seu elemento mais peculiar: a fé.*

*A “grande narrativa” da razão moderna foi, em parte, acolhida pela teologia católica, no período de criatividade pré e pós-conciliar, e pela teologia protestante, ao longo do séc. XX. As principais correntes da filosofia moderna e as análises de algumas das ciências humanas davam aos teólogos os recursos epistemológicos e metodológicos para construir seus discursos, capazes de garantir certa unidade aos diversos temas a serem tratados. A “desconstrução” e a “pequena narrativa” dos pós-modernos não se prestam a grandes sínteses. Pelo contrário, conduzem a razão a um pluralismo, muitas vezes confundido com o relativismo, onde tudo se equivale, e a busca da verdade é, às vezes, comprometida.*

*Diante de tais dificuldades, muitos são atraídos pelo fundamentalismo ou pelo conservadorismo de um “pensamento forte”, fonte de identidade e segurança e proteção contra as ameaças. Para quem busca certezas, o recurso à razão simbólica ou hermenêutica em teologia, certamente, causa resistências. Este tipo de racionalidade pode fazer surgir um conflito entre o plural das perspectivas em busca de interpretação. Pode também parecer corroborar com a “desconstrução” e o relativismo pós-modernos, pois leva em conta as inúmeras possibilidades de dizer o sentido presentes nas questões ou nos símbolos interpretados pela teologia. O aparentemente débil é, todavia, a grande força da razão hermenêutica. Antes de mais nada porque não tem a pretensão de dizer a totalidade do real, motivo de suspeita aos olhos dos “pensamentos fracos ou débeis”. A proximidade com este pensamento não significa compromisso com a “ditadura do relativismo” (expressão utilizada pelo cardeal Ratzinger na missa do conclave, quando foi eleito papa), presente em comportamentos e opiniões vigentes em muitos círculos da sociedade atual. Tal proximidade supõe longos desvios e demanda um esforço de pensar mais, deixando aparecer as diversas possibilidades de dizer o sentido. É a “via longa” (Ricoeur), que não assume de imediato a unidade do sentido dada pela “grande*

narrativa”, mas atravessa o plural das “pequenas narrativas”, acolhendo os elementos enriquecedores da fé em busca de compreensão do seu objeto.

Acolher as “pequenas narrativas” significa valorizar o que emerge das situações e dos contextos particulares. A teologia tem feito isso de diferentes formas, como o mostram não só suas diversas expressões contextuais (africanas, asiáticas, latino-americanas etc.), mas também as reflexões a partir de situações específicas (gênero, etnia, pluralismo cultural e religioso etc.). As ciências humanas tiveram um papel importante no surgimento desta pluralidade de perspectivas no seio da inteligência da fé, ao oferecer-lhe instrumentais aptos para ajudá-la a melhor captar o que buscava compreender. Teólogos como Rahner e Schillebeeckx também contribuíram para isso, quando buscaram dar à noção de experiência um estatuto teológico. Esta noção tinha um determinado significado nas ciências exatas e outro nas ciências humanas. Seu uso pela teologia levantou, por isso, algumas suspeitas e suscitou certas hesitações. Todavia, a riqueza semântica permitiu-lhe entrar paulatinamente no discurso teológico. Graças a isso, não só a experiência em geral passou a ser valorizada nos métodos teológicos, mas a experiência na diversidade de suas expressões contextuais e na multiplicidade de suas situações particulares. Alguns teólogos não hesitam, desde então, em definir a teologia como reflexão racional sobre a experiência da fé, a experiência da graça, a experiência de Deus ou a experiência do Espírito.

A importância dada pela teologia à noção de experiência valoriza certamente outro dos aspectos centrais da modernidade: seu antropocentrismo. Este, apesar da “desconstrução” à qual é submetido, continua a ser essencial para entender a cultura atual. De fato, o despertar para o cuidado da vida na terra não destronou a subjetividade e a importância dada à experiência. Esta se especializou e se individualizou ainda mais, tanto nas ciências exatas e humanas quanto na maneira como as pessoas captam o que lhes acontece.

No tocante à experiência religiosa, seu retorno nas sociedades donde parecia ter sido banida e sua vitalidade nas sociedades não secularizadas têm muito a ver com o valor dado ao indivíduo e a seus sentimentos nos inúmeros processos de fragmentação nos quais se encontra. As teologias contextuais e específicas estão, realmente, levando em conta o novo significado adquirido pelo vocábulo experiência na cultura contemporânea? Que métodos devem utilizar para assumir as atuais mutações da subjetividade pós ou hiper-moderna sem, no entanto, cair no relativismo? Que estatuto dar à experiência nesses métodos?

Perguntar-se, no Brasil ou na América Latina, pelo método teológico não é desconsiderar o esforço feito, aqui, para sistematizar a Teologia da Libertação. Esta não só se apropriou criativamente do método ver, julgar e agir, mas lhe acrescentou outros aspectos, oferecendo aos agentes de pastoral e

às comunidades cristãs recursos para uma leitura crítica do contexto no qual viviam sua experiência de fé (momento pré-teológico, segundo Clodovis Boff, não confundível com a análise marxista, mas forma como a fé cristã captava a experiência da injustiça) e um acesso atualizado e atualizante às Escrituras e à tradição teológica. Esse método levou a reflexão cristã a incidir, de maneira profética, na realidade social, política, cultural e eclesial. Isso fecundou o conjunto da teologia. Desde então, tem-se esforçado para ser uma palavra pertinente e eficaz em diversos contextos e diante das diferentes questões às quais tenta responder. A teologia, em geral, e a teologia brasileira e latino-americana, em particular, não podem desperdiçar o fruto da reflexão sobre a experiência cristã da injustiça e da pobreza. Devem, entretanto, se perguntar até onde os inúmeros métodos utilizados continuam atuais num mundo dito pós ou hiper-moderno.

Como para a interrogação sobre a forma como utilizou os recursos da razão explicativa e compreensiva, talvez a teologia como um todo e a teologia feita em nosso contexto em particular devam também ser fecundadas pela razão hermenêutica ao tentar compreender as novas modalidades da experiência humana e religiosa emergentes das sociedades onde realizam sua missão neste começo de séc. XXI. No caso do Brasil, em especial, as questões levantadas pela importância dada ao “sentimento” nas experiências espirituais carismáticas e pentecostais, e as questões suscitadas pelo número crescente de quem se declara sem religião numa sociedade, até então, religiosa (7,34%, segundo dados do IBGE 2000), devem provocar a teologia, levando-a a se perguntar pela forma como tem utilizado os recursos da razão simbólica e da hermenêutica – que introduzem no mistério sem, no entanto, esvaziar sua inesgotável fonte de sentido – e pelo modo como tem ajudado os cristãos a professarem uma fé adulta e crítica, que não esgota o sentido do objeto da fé.

A importância adquirida no Brasil pelas experiências atribuídas ao Espírito Santo não pode ser desconhecida pela teologia. Elas apontam para um dado fundamental: a razão não diz todo o sentido da revelação e a própria teologia não deve configurar-se como caminho racional para compreender a fé, por ser também espiritual. Evidentemente, isto não significa renunciar à sua vocação fundamental: dar as razões daquilo que crê. Nisso tem muito a contribuir para os inúmeros movimentos presentes no atual contexto religioso nacional. Sua pretensão não é a de destruir a fé de quem busca no sentimento ou no maravilhoso o sentido para suas existências, pois é mistagogia, ou seja, introdução ao mistério. Nesse sentido, sua dimensão crítica ou racional está a serviço de uma “segunda inocência” (Ricoeur), protegendo contra o risco do fideísmo e contra todo fundamentalismo. Não pode, por isso, somente repetir ou comentar o Magistério e a Tradição eclesial. Como bem o mostrou a Constituição Dogmática Dei Verbum, sua fonte é a Escritura Santa, lida não de forma literal ou fundamentalista, mas com a ajuda das muitas ciências que compõem o ato de ler a Bíblia e da

*“via longa” da releitura deste ato pela Tradição e pelo Magistério. A escolha de tal caminho vai, sem dúvida, oferecer também pistas para escutar o número crescente de quem diz não pertencer a nenhuma denominação religiosa, mostrando-lhes a inteligência da fé não como mera opinião, e sempre atenta às grandes questões a povoar os corações de homens e mulheres de cada tempo. Seu caminho não é dado de antemão. Antes, se constrói ao longo da caminhada de quem se arrisca a percorrê-lo.*